

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO V

HOMENAGEM A GAMA BARROS

Volume II



COIMBRA / 1951

Como nasceu o nome da freguesia de Mafamude

Não é à etimologia do nome desta antiga povoação e freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia que esta nota se refere,, pois já lá vai meio século que David Lopes, de saudosa memória, evidenciou tratar-se de uma das formas do antropónimo árabe, ilustrado pelo Profeta (4); cf. *Revue Hisp.* ix (1920), p. 44, e Steiger, *Contribución*, p. 261. O que pretendemos é apenas dar notícia da personagem histórica, cujo nome enraizou naquele topónimo.

Embora a explicação de David Lopes não sofresse a menor dúvida, sempre havia o facto estranho da presença de um nome de possessor árabe no próprio coração do antigo Condado Portucalense, onde este elemento é bastante raro, contrariamente ao que sucede na região de Coimbra, sobretudo a margem sul do Mondego, zona, como se sabe, profundamente impregnada de moçarabismo.

O acaso de uma leitura acaba de proporcionar-nos a explicação daquela anomalia. Ao estudar a história da Espanha muçulmana sob o reinado de Abd al-Rahman II (822-852), o prof. Lévi-Provençal, na sua monumental *Histoire de VEspagne Musulmane* (2),

(1) As variantes deste nome foram objecto de diversos estudos. No que toca ao português, vejam-se Serafim da Silva Neto, *Bol. de FU.* (Rio de Janeiro), fase. 5, p. 47, e José Pedro Machado, *Rev. de Portugal*, série *Lingua Portuguesa*, vol. iv (1948), pp. 285-266. A p. 291, nota 7, deste último estudo pode ver-se parte da bibliografia internacional respeitante a este pormenor de filologia árabe.

(2) Cf pp. 208-210 do i.º tomo da 2.ª edição.

refere-se a uma figura estranha daquele tempo, o berbere Mahmüd ben Abd al-Djabbar, que, tendo chefiado em Mérida um movimento sedicioso e mal sucedido contra o poder central omíada de Córdoba, se viu constrangido a abandonar aquela cidade, encontrando um asilo, primeiro na região de Faro, e mais tarde, acosado por um exército do referido emir, na própria «Galiza» (designação que então abrangia também os territórios de Entre Minho e Mondego), como hóspede de Afonso II de Asturias («o Casto»). Este monarca entregou-lhe, segundo uma fonte árabe prestes a ser publicada (3), como feudo um castelo que, segundo Lévi-Provençal, se situava «sem dúvida algures entre o Porto e Lamego». Consultado por nós, o ilustre historiador e arabista francês teve a amabilidade, que muito agradecemos, de nos informar em carta que o mencionado cronista árabe se refere a este castelo mais exactamente como sito «na região do Douro, em direcção ao Atlântico», o que condiz tão bem com a situação da freguesia de Mafamude, que qualquer dúvida quanto à identidade do antigo senhor desta terra nos parece sem objecto. Aí, neste ponto nevrálgico do reino asturiano, Mahmüd tornou-se um precioso e activo auxiliar do monarca cristão, até que, arrependido da sua atitude, o renegado voltou a estabelecer relações com Abd al-Rahman II. Prevenido da traição do seu vassalo berberesco, Afonso veio atacá-lo no seu castelo do Douro, prendendo-o e matando-o, em Maio de 840.

Eis, em poucas palavras, a trágica história do irrequieto cavaleiro africano Mahmüd, filho de 'Abd al-Djabbār, como a conta, com muitos pormenores pitorescos (4), o historiador cordovês Ibn Hayan, segundo Ahmad-al-Razi, e à qual se referem, mais brevemente, outras fontes, árabes e cristãs.

Expulso do Algarve em 838, e morto em 840, Mahmüd só durante dois anos (na melhor das hipóteses) pôde residir no seu castelo da margem sul do Douro. Foi, porém, quanto bastou

(3) O i.º tomo do *Muktabis*, de Ibn Hayan, ed. de E. Lévi-Provençal.

(4) Entre outros pormenores, narra que a irmã de Mahmud, convertida ao cristianismo, casou com um senhor galego, de quem teve um filho que, mais tarde, foi bispo de Santiago de Compostela. — Dozy, na sua pequena monografia *Mahmoud de Mérida*, in *Recherches*³, pp. 139-140, aproveitou as fontes cristãs; cf. Lévi-Provençal, *ob. cit.*, p. 210, nota 2.

para o seu nome ficar para sempre preso à terra respectiva, cujo antigo nome não chegamos, aliás, a conhecer. Para isto deve certamente ter contribuído o dramático episódio (5) do ano 840, assim como a exótica figura do seu protagonista, este mouro mal-agradecido, que se pode imaginar como morrendo com saudades dos esplendores da sua Andaluzia.

A generalização do nome, como topónimo, fez-se rapidamente pois não é raro encontrá-lo citado em documentos do século subseqüente. Notámos, através do *Onomástico Medieval* de Cortesão: *villa Mahamudi* 922, *castro Mafumuti* 944, *villa Mahmutis* 946*, *monte Mahamut* 990, *monte Mahamudi* 989. Morfologicamente,, o nome árabe é tratado (abstraindo a variante em *-is*) como os nomes visigodos em *-mudus* (*Vermudus*, genit. *Vermudi*) (6), os quais, por sua vez, se integraram na classe latina em *-us*. O mesmo genitivo em *-i* ocorre, com função patronímica, no apelido *Mahamudi*, de 976, num doc. de Lorbão; cf. *Diplom. et Chartae*, p. 74, n.º 117 : *Alhau^an iben Mahamudi*. Em Espanha temos outro equivalente de *Mafamude* no nome da vila de *Mahamud*, município da prov. de Burgos, e Menéndez Pidal, *Orígenes del Español*, p. 454, alude a uma antiga terra, hoje desaparecida, do «partido» de Sahagún, denominada *Mafemutes*, *Mafmutes*, *Mahmud*, no séc. xi, e *Mahudes* no séc. xm, cujo nome cita entre os testemunhos da emigração moçárabe para o reino de Leão.

Apar de formas, que assentam na pronúncia árabe *Mahnmd*, existiam outras, que radicam em *Muhammad*, como sucede com *Majfomade*, que ocorre como nome de lugar nas Inquirições de 1258 (cf. pag. 723). No que toca às duas povoações portuguesas chamadas *Mafomedes* (a primeira situada na freg. de Sever, no conc. de Penaguião; a outra na freg. de Teixeira, no conc. de Baião; em ambos os casos o *Dicionário Corográfico* de

(6) Lévi-Provençal (p. 210, nota 1) dá ainda este pormenor, extraído do *Mughrib* de Ibn Sa'id. Tendo-se espantado, o cavalo de Mahmud veio em louca correria matar-se contra um carvalho. Os cavaleiros cristãos que, desde uma altura próxima, testemunhavam este espectáculo, não se atreveram a princípio, receando uma armadilha, aproximar-se para exterminar e despojar a vítima.

(6) Cf. o topónimo actual *Vermoim* < *Vermui*, *Vermíi*,

Américo Costa indica também a variante *Mafomedes*, com o), forma que apresenta a pronúncia vulgar *e* da vogal tónica, não nos atrevemos a formular uma opinião definida. No entanto, não parece que se deva interpretar como patronímico, mas antes como um plural da forma antroponímica antiga *Mafomede* (7).

JOSEPH M. PIEL

(7) Ver as abonações no citado estudo de J. P. Machado, p. 290; cf. ainda *Mafomede no Canción, da Vaticana*, n.º 572.